

ETNOGRAFIA, ALDEIA E MONTES: FORMAS DE POVOAMENTO NO NORDESTE ALGARVIO

por

Cristiana Bastos *

AS ALDEIAS DA ANTROPOLOGIA RURAL

A sistemática referência à *aldeia* enquanto o local de acção, imaginação e teoria da antropologia rural condicionou não só os leitores de etnografias, que têm um espaço mental único para a díade antropólogo/aldeia (onde antes estava antropólogo/tribo), mas condicionou também muitos de nós, antropólogos-ou-quase, a procurar aldeias para situar a pesquisa de ambientes rurais de forma a ter dados passíveis de comparação com a investigação preexistente. Naturalmente, enquanto continuamos a procurar aldeias o público continua a associar etnografia rural a aldeias e nós continuamos a pensá-las como o melhor, senão único, lugar viável para etnografar.

Acontece, porém, que muita da vida rural — para não mencionar a menos aldeã vida urbana — não se desenrola no quadro definido da pequena comunidade. Há muitas e diversas maneiras para fisicamente acontecer a ruralidade, desde o isolamento de uma casa entre os campos, ao espalhamento regular ou irregular de empreendimentos familiares agrícolas pela paisagem, à exploração mecanizada da grande propriedade, e à existência de segmentos da vida urbana dedicados à agricultura em tempos parcial.

Enquanto os geógrafos rurais se têm esforçado para conceptualizar e sistematizar esta diversidade, cabe aos antropólogos ousar explorar a dinâmica da vida social nestes quadros menos habituais que o tradicional e repetido quadro aldeão. Como começar, porém, a romper com os hábitos arreigados do trabalho de campo em «comunidades fechadas», e com a facilidade que advém da coincidência entre o universo social e a unidade empiricamente delimitada?

* ISCTE/ICS

O projecto de «ultrapassar a aldeia» deve iniciar-se com duas estratégias: por um lado, estudar terrenos cujo povoamento seja distinto da clareza recortada das aldeias; por outro, experimentar modelos teóricos para formalizar a sociabilidade nesses terrenos. O presente artigo pretende contribuir para esse projecto apresentando dados relativos a uma região onde o povoamento se caracteriza pela existência de pequenos aglomerados que, apesar de claramente delimitados, não oferecem a ilusão de autarcia.

OS MONTES DO NORDESTE ALGARVIO

No nordeste algarvio, um ondulado de baixas montanhas de xisto que constituem a secção leste da serra algarvia e o acabar do enrugado da peneplanície alentejana, a vida rural desenrola-se primordialmente no quadro dos «montes». Os montes são pequenos aglomerados que reúnem geralmente vários grupos domésticos com habitações separadas, cuja actividade é quase exclusivamente agrícola.

Apesar da identidade do termo, os montes do nordeste algarvio não designam o mesmo que os mais conhecidos montes alentejanos. Enquanto estes são centros de herdades, consequentemente estratificados e hierarquizados, em função das necessidades de organizar a produção em grande escala, os montes do nordeste algarvio são conjuntos de várias, pequenas e geralmente pobres, explorações domésticas, onde não se distinguem notáveis elementos de diferenciação e hierarquia. A agricultura dá-se num nível próximo da subsistência; o pastoreio na maioria dos casos destina-se ao consumo doméstico, embora existam também alguns casos de largos rebanhos de ovelhas e cabras orientados para a produção de queijo em grande escala ou para a venda do leite; complementando estas actividades e para equilibrar o orçamento familiar, os habitantes dos montes do nordeste algarvio recorrem à emigração temporária quer para centros urbanos e costeiros próximos, quer para explorações agrárias ou industriais mais distantes (cintura de Lisboa, França, Alemanha).

Nesta região, cada grupo doméstico reporta-se a um conjunto de parcelas de terreno que se tornaram repartidas até às mínimas dimensões no jogo das heranças, atendendo ao ideal de dividir igualitariamente — e não apenas equitativamente — todas as qualidades e atributos de cada terreno: características do solo, inclinação, exposição ao sol, humidade, proximidade de água, proximidade da casa, etc. O monte é o ponto de encontro daqueles que se repartem por esse emaranhado de terrenos; e nas casas do monte se reflectem os mesmos princípios que estão subjacentes à repartição dos terrenos: também os muros se podem dividir, as portas fechar a criar separações, as paredes dar lugar a portas

e abrir comunicações, e de geração para geração se re-organizam os espaços interiores e exteriores ao monte.

No jogo da fragmentação de terrenos e da repartição das actividades por diversos espaços que existem no nordeste algarvio, os montes representam unidades físicas de relativa estabilidade onde se habita e de que se reporta a origem. Apesar da fluidez dos movimentos de população, estes montes são hoje, no final do século XX, praticamente os mesmos que estão referenciados nos documentos paroquiais dos séculos XIX e XX. Alguns dos montes antigos desapareceram e tornaram-se ruínas semelhantes às dos lugares medievais que existiram na região, enquanto outros montes surgiram de novo; muitos declinaram de população, mas não desapareceram. Embora as vagas migratórias dos anos sessenta e setenta tenham apontado para um hipotético despovoamento global da área, esta manteve-se habitada e os montes de hoje e de ontem são em geral os mesmos. Assim, para experimentar neste terreno a construção de modelos de sociabilidade, vai-se aqui recorrer a dados do século XIX.

A ANTROPOLOGIA E OS MONTES

O tipo de povoamento rural do nordeste algarvio oferece um caso exemplar para romper com o hábito de situar a etnografia em aldeias. Porque os montes são na sua maioria bem mais pequenos que as aldeias tratadas na literatura, não se pode com segurança usar os dados obtidos no estudo social de um monte para fins de comparação e generalização orientada para a teoria.

Uma das formas possíveis de resolver este problema seria a de escolher algum dos montes maiores, de dimensões comparáveis às das aldeias da literatura, e tomá-lo como representativo da vida social rural do nordeste algarvio. Essa solução, porém, deixaria de fora o que há de mais interessante e potencialmente enriquecedor para a antropologia: a especialidade do povoamento por montes.

A possibilidade de estudar a especificidade dos montes e ao mesmo tempo apresentar dados que possam contribuir para desenvolvimentos teóricos depara-se todavia com o problema de não radicar em nenhuma tradição, e de por conseguinte passar pelas lentas fases de experimentação. Sendo uma dessas fases, este artigo reúne dados a ser tomados em conta para a teorização de formas de povoamento e sociabilidade, bem como para a discussão metodológica em torno das unidade de análise.

Os dados são relativos à freguesia de Martinlongo, a mais povoada das freguesias do concelho de Alcoutim. As restantes são Giões, Pereiro, Vaqueiros e Alcoutim. Compõem ainda o chamado nordeste algarvio as freguesias de

Cachopo (concelho de Tavira), Odeleite (concelho de Castro Marim). Todas estas freguesias têm uma aldeia do mesmo nome (ou vila, no caso da sede de concelho) e um conjunto de montes de tamanho variável. Nas tabelas incluídas, os montes estão agrupados em três grupos de acordo com a sua proximidade.

O fenómeno isolado para medir a interação entre os montes foi o do casamento, uma vez que reúne dois conjugues referenciados pelo lugar de origem. O período seleccionado foi o de 1860 a 1883, e serviram de fonte os registos paroquiais existente no Arquivo Distrital de Faro. As variáveis estudadas foram a origem dos noivos nos casamentos das mulheres da freguesia de Martinlongo, para cada um dos lugares de origem da noiva, e a origem das noivas nos casamentos dos homens da freguesia de Martinlongo, para cada um dos lugares de origem do noivo.

As tabelas e mapas revelam maior mobilidade masculina: tendência para a uxorilocalidade (maior frequência na deslocação do noivo para o local da noiva que o inverso), e maiores distâncias entre os lugares de proveniência dos noivos deslocados e os das suas noivas do que entre os lugares de proveniência das noivas deslocadas e os dos seus noivos.

Os mapas mostram ainda esboços de áreas de acção privilegiadas entre certos montes. As estruturas que aparecem sugerem «constelações» de montes, que não se fecham em si mesmas mas todavia são passíveis de ser lidas com nexos e alguma consistência interior. Relacionar a forma desta constelação com outras variáveis sociais torna-se o passo seguinte desta pesquisa.

ORIGEM DOS NOIVOS NOS CASAMENTOS DAS MULHERES DE MARTINLONGO, 1860-1883

Residência da noiva	N. cas.	Residência do noivo % do			n. espec.	TOTAL FREGUE.
		do monte	out. monte	aldeia		
Martinlongo	95		10.53	74.74	0.00	85.27
Castelhanos	17	47.06	29.41	0.00	5.88	82.35
Laborato	20	40.00	30.00	5.00	0.00	75.00
Gagos	2	0.00	50.00	50.00	0.00	100.00
Lotão	24	37.50	37.50	8.33	0.00	83.33
Penteadeiros	9	11.11	55.56	22.22	0.00	88.89
Santa Justa	43	41.86	30.23	4.65	0.00	76.74
Fincarrodilha	0	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00
Pero Dias	9	0.00	55.56	0.00	0.00	55.56
Barrada	16	31.25	50.00	0.00	0.00	81.25
Azinhal	8	0.00	87.50	0.00	0.00	87.50

Silgado	4	50.00	50.00	0.00	0.00	100.00
Diogo Dias	14	35.71	50.00	7.14	0.00	92.86
Tremelgo	11	9.09	63.64	0.00	9.09	81.82
Pessegueiro	47	35.32	21.28	2.13	6.38	85.11
Zorrinhos	2	0.00	50.00	0.00	0.00	50.00
Casa Nova	1	100.00	0.00	0.00	0.00	100.00
Pereirão	0	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00
Estrada	2	0.00	50.00	0.00	0.00	50.00
Relvais	1	0.00	100.00	0.00	0.00	100.00
Mestras	5	20.00	40.00	20.00	0.00	80.00
Barranco	0	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00
Barroso	13	7.69	46.15	0.00	0.00	53.84
Corte Serranos	11	36.36	36.36	0.00	0.00	72.73
Montinho	0	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00
Arrizada	7	0.00	57.14	0.00	0.00	57.14
Montargil	20	5.00	50.00	5.00	0.00	60.00

**ORIGEM DOS NOIVOS NOS CASAMENTOS DAS MULHERES DE
MARTINLONGO, 1860-1883**

Residência da noiva	N. cas.	TOTAL Freguesia	out. freg.	Total CONC.	out. Algarve	out. Alentejo	Total
Martinlongo	95	85.27	9.47	94.74	0.00	5.26	100.00
Castelhanos	17	82.35	5.88	88.24	0.00	11.76	100.00
Laborato	20	75.00	20.00	95.00	0.00	5.00	100.00
Gagos	2	100.00	0.00	100.00	0.00	0.00	100.00
Lotão	24	83.33	12.50	95.83	4.17	0.00	100.00
Penteadeiros	9	88.89	11.11	100.00	0.00	0.00	100.00
Santa Justa	43	76.74	23.26	100.00	0.00	0.00	100.00
Fincarrodilha	0	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00	100.00
Pero Dias	9	55.56	44.44	100.00	0.00	0.00	100.00
Barrada	16	81.25	6.25	87.50	6.25	6.25	100.00
Azinhãl	8	87.50	12.50	100.00	0.00	0.00	100.00
Silgado	4	100.00	0.00	100.00	0.00	0.00	100.00
Diogo Dias	14	92.86	7.14	100.00	0.00	0.00	100.00
Tremelgo	11	81.82	0.00	81.82	9.09	9.09	100.00
Pessegueiro	47	85.11	2.13	87.21	6.38	6.38	100.00
Zorrinhos	2	50.00	0.00	50.00	0.00	50.00	100.00

Casa Nova	1	100.00	0.00	100.00	0.00	0.00	100.00
Pereirão	0	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00
Estrada	2	50.00	50.00	100.00	0.00	0.00	0.00
Relvais	1	100.00	0.00	100.00	0.00	0.00	100.00
Mestras	5	80.00	0.00	90.00	20.00	0.00	100.00
Barranco	0	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00	100.00
Barroso	13	53.84	0.00	53.84	23.08	23.08	100.00
Corte Serranos	11	72.73	0.00	72.73	27.27	0.00	100.00
Montinho	0	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00	100.00
Arrizada	7	57.14	14.29	71.43	28.57	0.00	100.00
Montargil	20	60.00	30.00	90.00	5.00	5.00	100.00

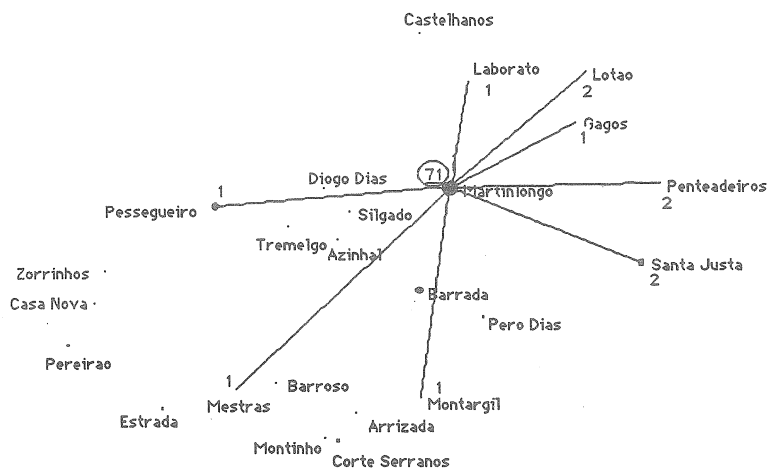
ORIGEM DAS NOIVAS NOS CASAMENTOS DE HOMENS DE MARTINLONGO, 1860-1883

Residência do noivo	N. cas.	Residência da noiva % do		aldeia	n. espec.	TOTAL Freguesia
		do monte	out. monte			
Martinlongo	87		13.79	81.69	1.15	96.55
Castelhanos	18	44.44	44.44	5.56	0.00	94.44
Laborato	24	33.33	58.33	8.33	0.00	100.00
Gagos	4	0.00	100.00	0.00	0.00	100.00
Lotão	20	45.00	40.00	10.00	5.00	100.00
Penteadeiros	5	20.00	80.00	0.00	0.00	100.00
Santa Justa	33	54.55	36.36	3.03	0.00	93.94
Fincarrodilha	1	0.00	100.00	0.00	0.00	100.00
Pero Dias	14	0.00	85.71	14.29	0.00	100.00
Barrada	13	38.46	46.15	0.00	0.00	84.62
Azinhal	10	0.00	100.00	0.00	0.00	100.00
Silgado	4	50.00	25.00	25.00	0.00	100.00
Diogo Dias	12	41.67	58.33	0.00	0.00	100.00
Tremelgo	7	14.29	71.42	14.29	0.00	100.00
Pessegueiro	29	89.66	10.34	0.00	0.00	100.00
Zorrinhos	2	0.00	100.00	0.00	0.00	100.00
Casa Nova	2	50.00	50.00	0.00	0.00	100.00
Pereirão	0	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00
Estrada	0	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00
Relvais	2	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00
Mestras	4	25.00	75.00	0.00	0.00	100.00

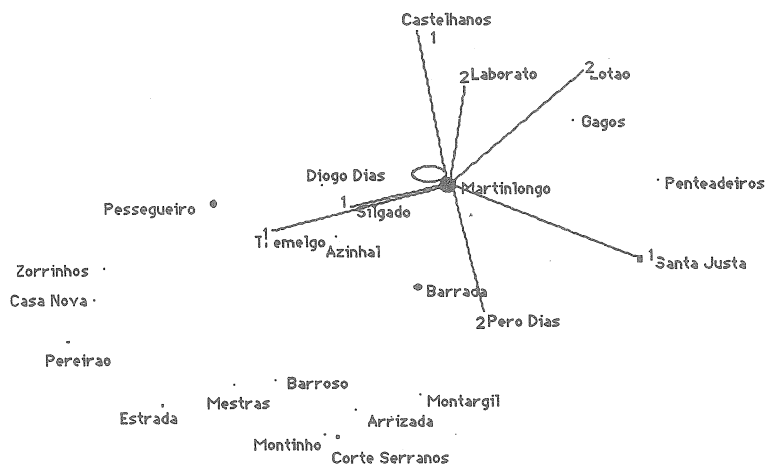
Barranco	1	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00
Barroso	5	20.00	60.00	0.00	0.00	80.00
Corte Serranos	8	50.00	50.00	0.00	0.00	100.00
Montinho	2	0.00	100.00	0.00	0.00	100.00
Arrizada	3	0.00	100.00	0.00	0.00	100.00
Montargil	4	25.00	75.00	0.00	0.00	10.00

ORIGEM DAS NOIVAS NOS CASAMENTOS DE HOMENS DE MARTINLONGO, 1860-1883

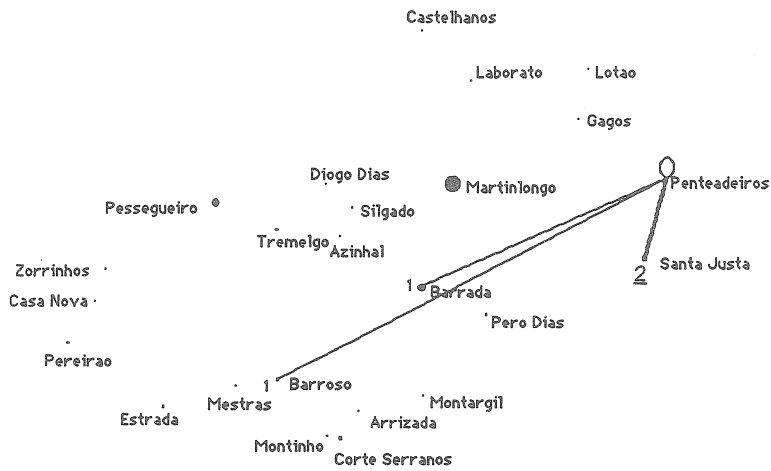
Residência do noivo	N. cas.	TOTAL Freguesia	out. freg.	Total CONC.	out. Algarve	Total
Martinlongo	87	96.55	2.30	98.85	1.15	100.00
Castelhanos	18	94.44	0.00	94.44	5.56	100.00
Laborato	24	100.00	0.00	100.00	0.00	100.00
Gagos	4	100.00	0.00	100.00	0.00	100.00
Lotão	20	100.00	0.00	100.00	0.00	100.00
Penteadeiros	5	100.00	0.00	100.00	0.00	100.00
Santa Justa	33	93.94	3.03	96.97	3.03	100.00
Fincarrodilha	1	100.00	0.00	100.00	0.00	100.00
Pero Dias	14	100.00	0.00	100.00	0.00	100.00
Barrada	13	84.62	7.69	92.31	7.69	100.00
Azinhal	10	100.00	0.00	100.00	0.00	100.00
Silgado	4	100.00	0.00	100.00	0.00	100.00
Diogo Dias	12	100.00	0.00	100.00	0.00	100.00
Tremelgo	7	100.00	0.00	100.00	0.00	100.00
Pessegueiro	29	100.00	0.00	100.00	0.00	100.00
Zorrinhos	2	100.00	0.00	100.00	0.00	100.00
Casa Nova	2	100.00	0.00	100.00	0.00	100.00
Pereirão	0	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00
Estrada	0	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00
Relvais	2	0.00	0.00	0.00	0.00	100.00
Mestras	4	100.00	0.00	100.00	0.00	100.00
Barranco	1	0.00	0.00	0.00	100.00	100.00
Barroso	5	80.00	0.00	80.00	20.00	100.00
Corte Serranos	8	100.00	0.00	100.00	0.00	100.00
Montinho	2	100.00	0.00	100.00	0.00	100.00
Arrizada	3	100.00	0.00	100.00	0.00	100.00
Montargil	4	100.00	0.00	100.00	0.00	100.00



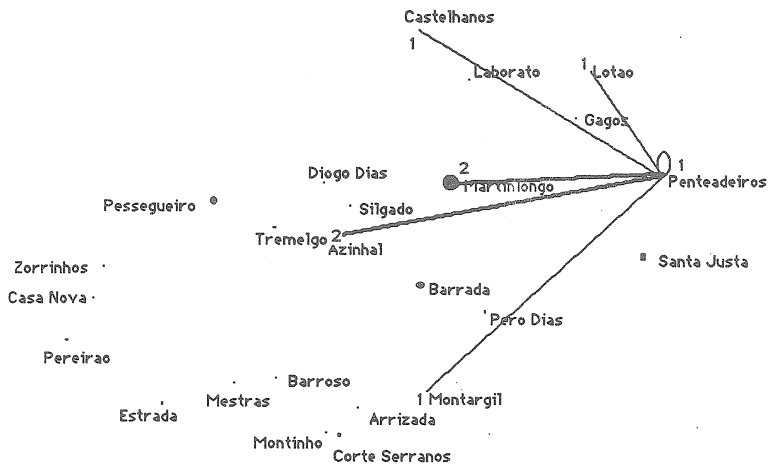
Origem das noivas nos casamentos dos homens de Martinlongo (aldeia), 1860-1883.



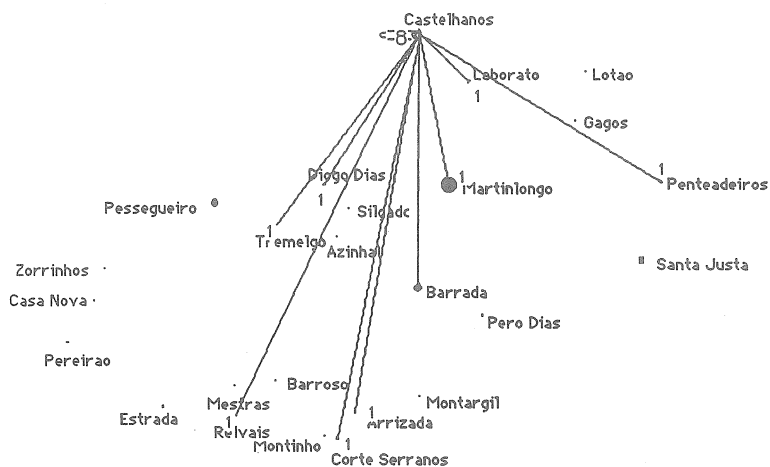
Origem dos noivos nos casamentos das mulheres de Martinlongo (aldeia), 1860-1883.



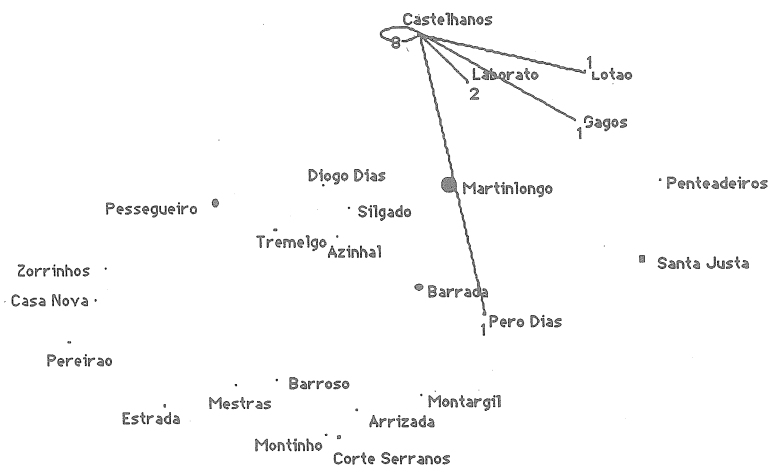
Origem das noivas nos casamentos de homens de Penteadeiros, 1860-1883.



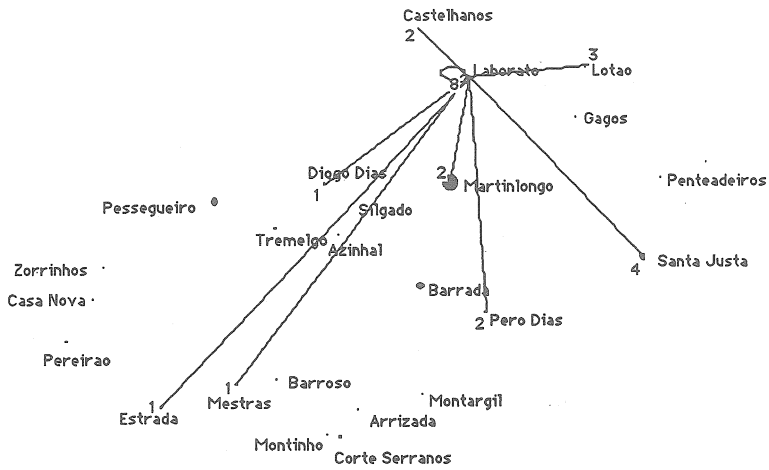
Origem dos noivos nos casamentos das mulheres de Penteadeiros, 1860-1883.



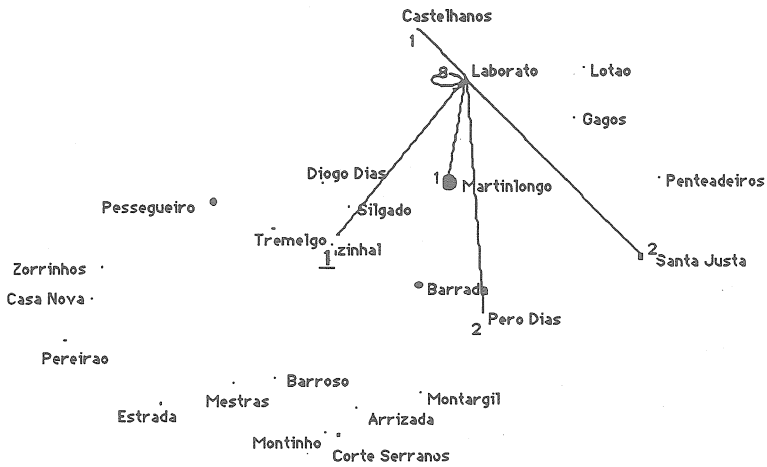
Origem das noivas nos casamentos dos homens de Castelhanos, 1860-1883.



Origem dos noivos nos casamentos das mulheres de Castelhanos, 1860-1883.

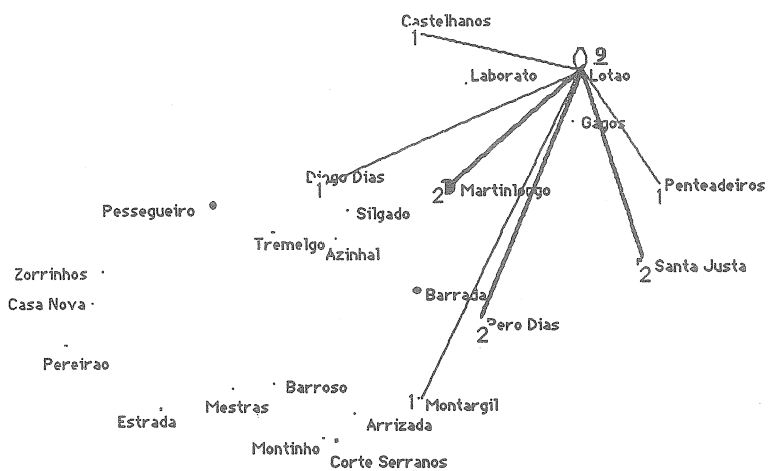


Origem das noivas nos casamentos dos homens de Laborato, 1860-1883.

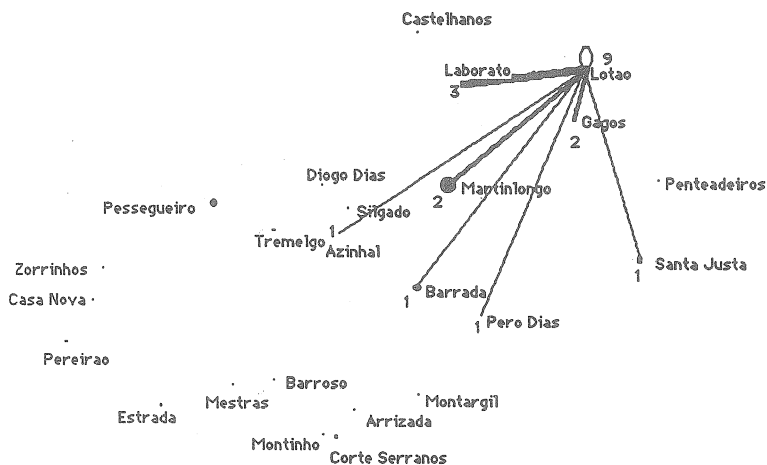


Origem dos noivos nos casamentos das mulheres de Laborato, 1860-1883.

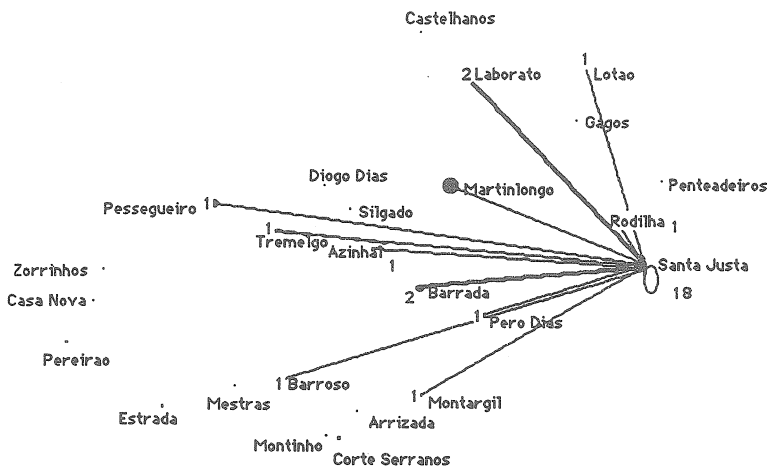
Est. V



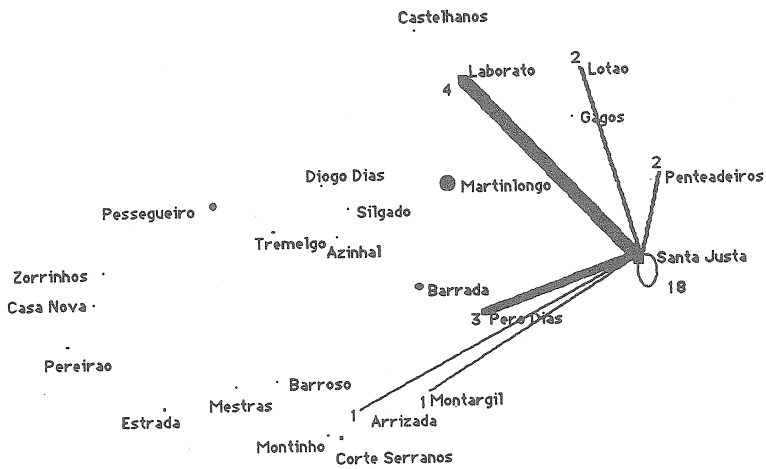
Origem das noivas nos casamentos dos homens de Lotão, 1860-1883.



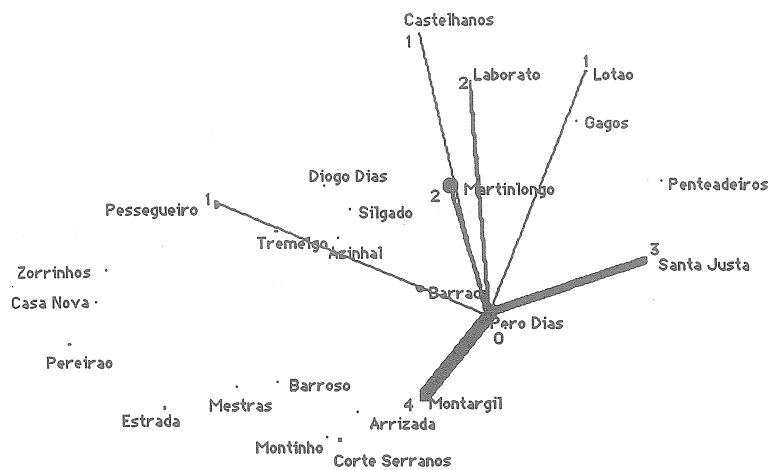
Origem dos noivos nos casamentos das mulheres de Lotão, 1860-1883.



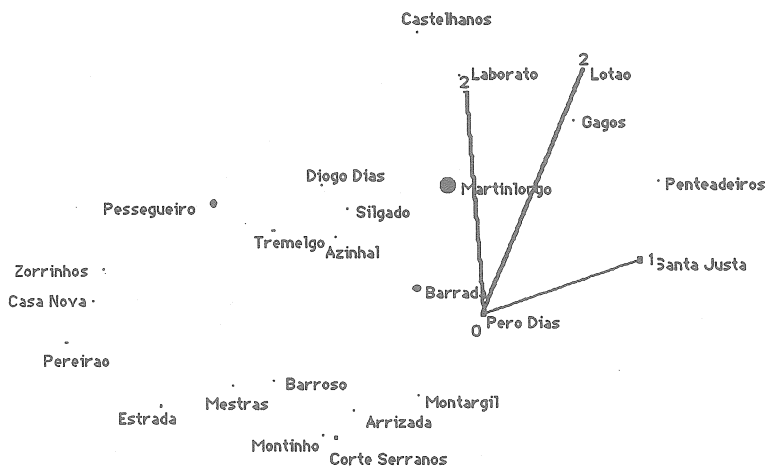
Origem das noivas nos casamentos dos homens de Santa Justa, 1860-1883.



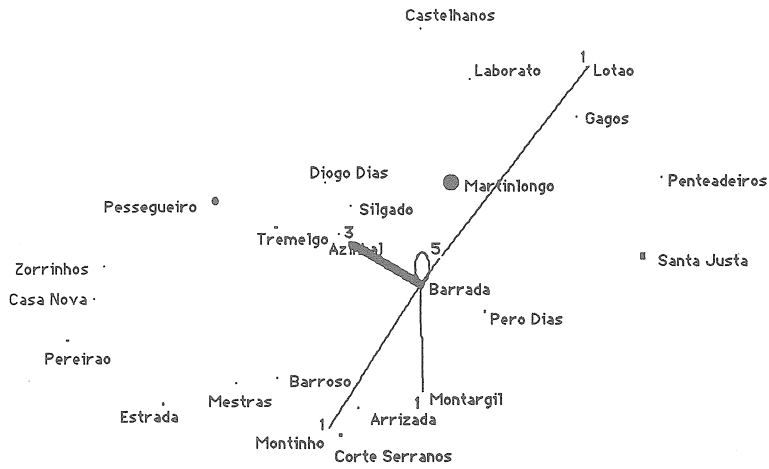
Origem dos noivos nos casamentos das mulheres de Santa Justa, 1860-1883.



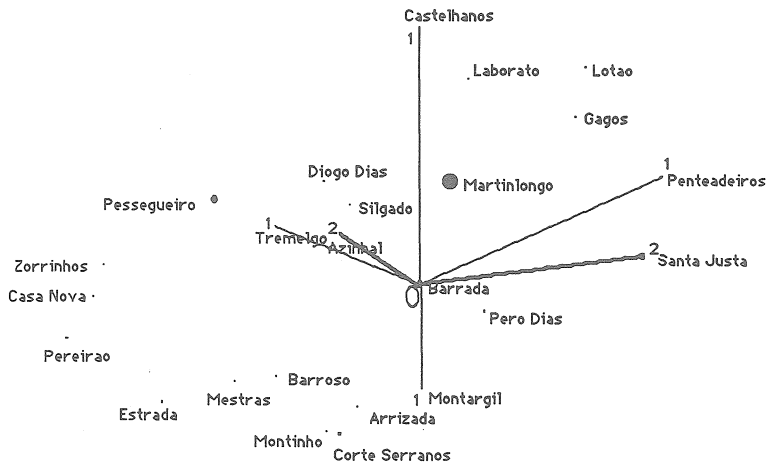
Origem das noivas nos casamentos dos homens de Pero Dias, 1860-1883.



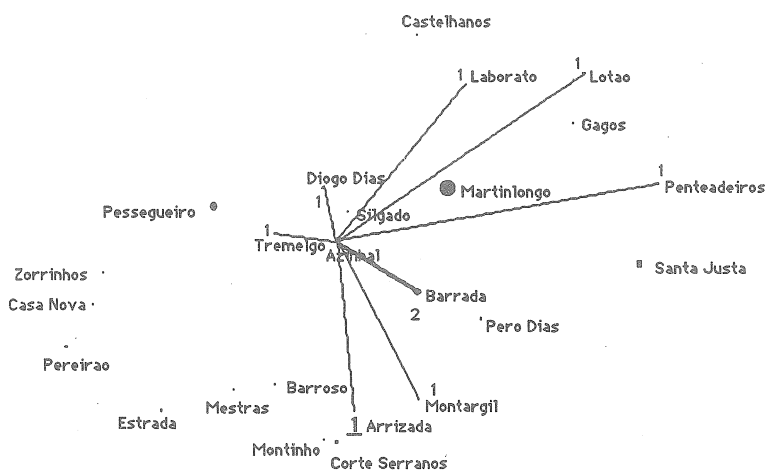
Origem dos noivos nos casamentos das mulheres de Pero Dias, 1860-1883.



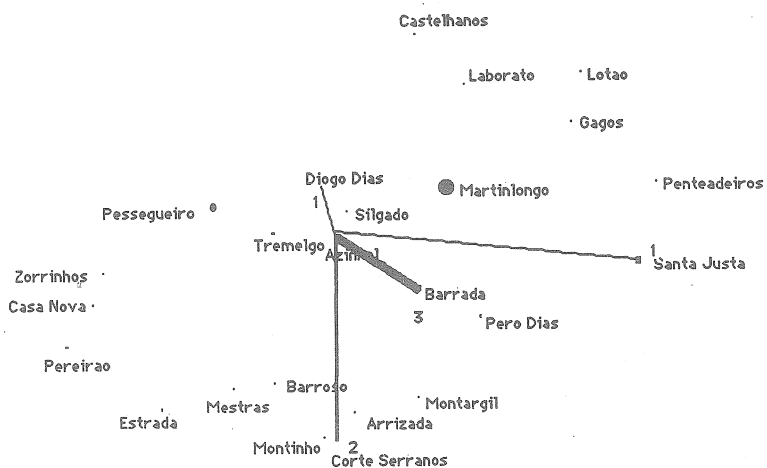
Origem das noivas nos casamentos dos homens de Barrada, 1860-1883.



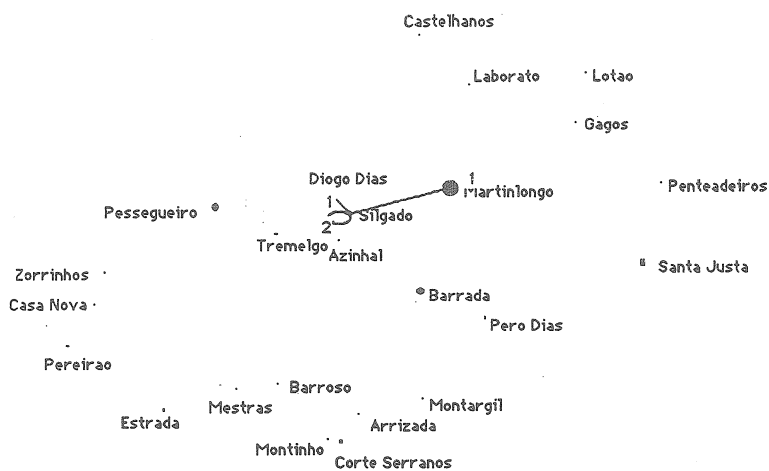
Origem dos noivos nos casamentos das mulheres de Barrada, 1860-1883.



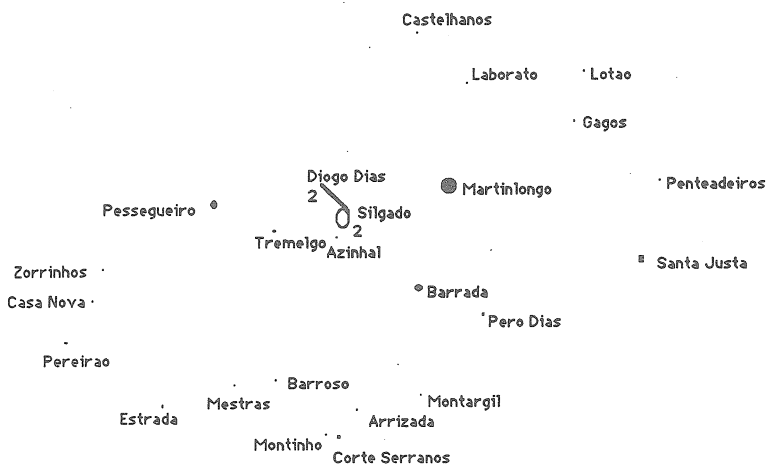
Origem das noivas nos casamentos dos homens de Azinhal, 1860-1883.



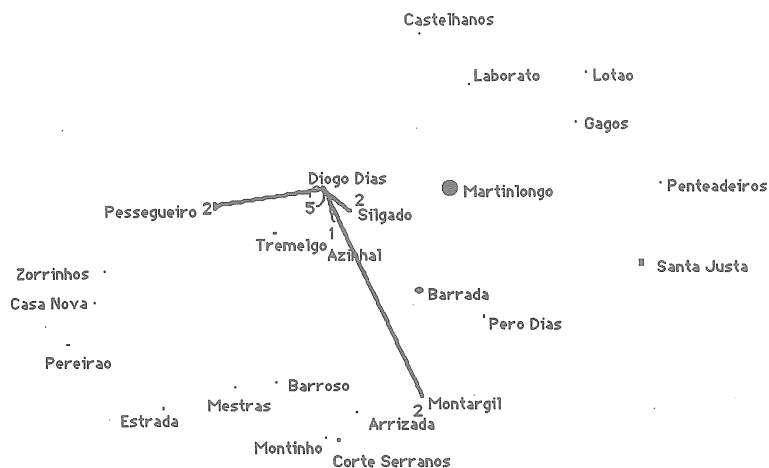
Origem dos noivos nos casamentos das mulheres de Azinhal, 1860-1883.



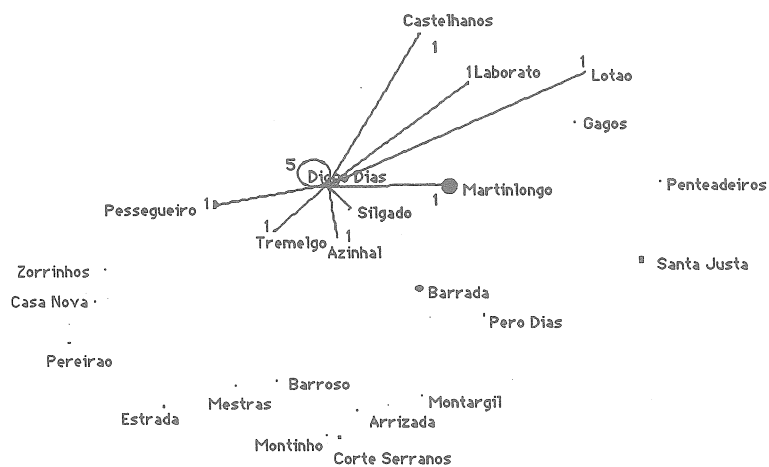
Origem das noivas nos casamentos dos homens de Silgado, 1860-1883.



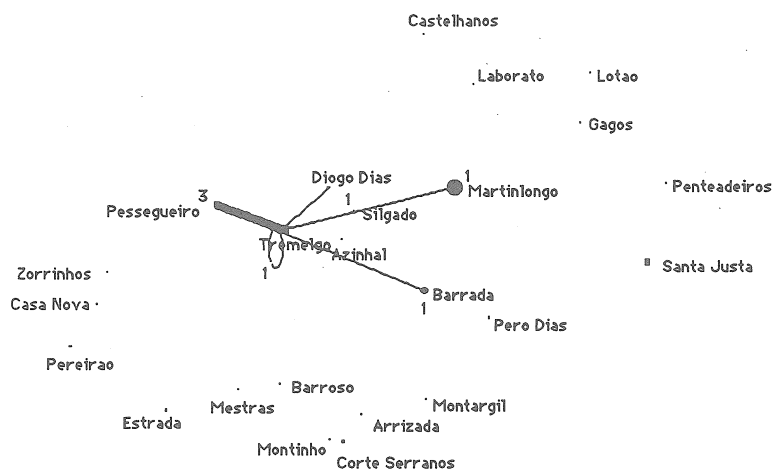
Origem dos noivos nos casamentos das mulheres de Silgado, 1860-1883.



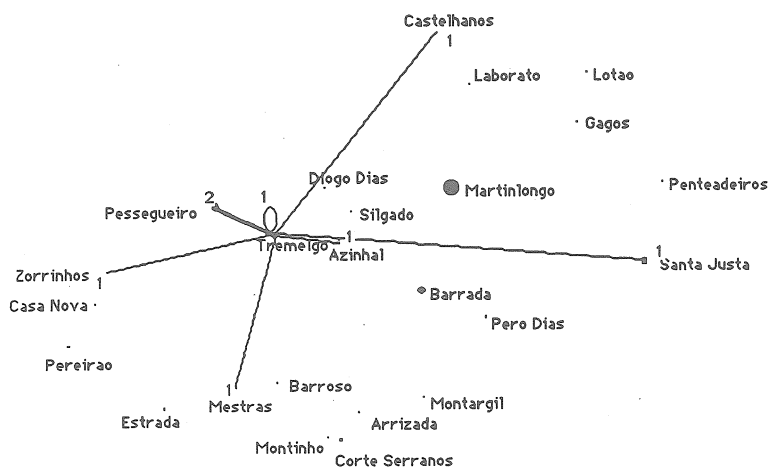
Origem das noivas nos casamentos dos homens de Diogo Dias, 1860-1883.



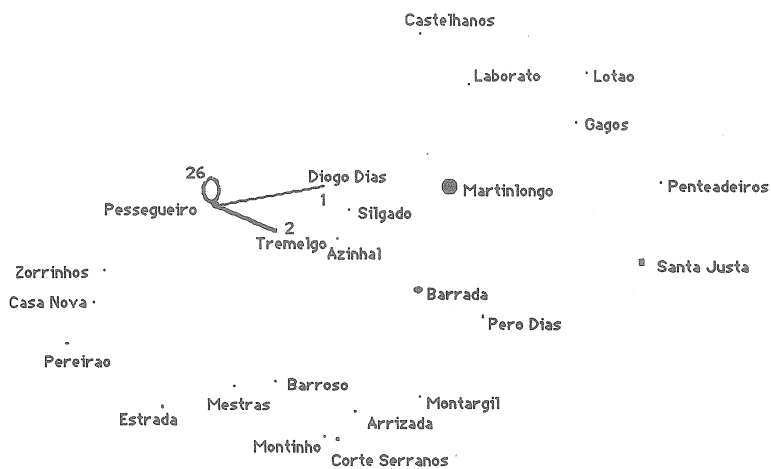
Origem dos noivos nos casamentos das mulheres de Diogo Dias, 1860-1883.



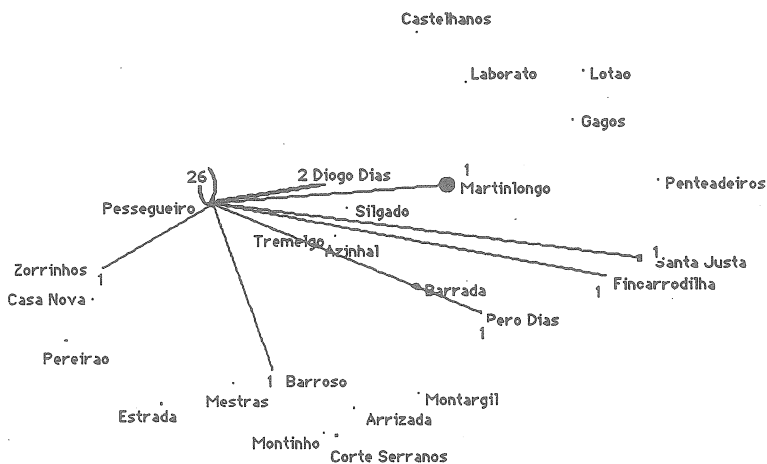
Origem das noivas nos casamentos dos homens de Tremelgo, 1860-1883.



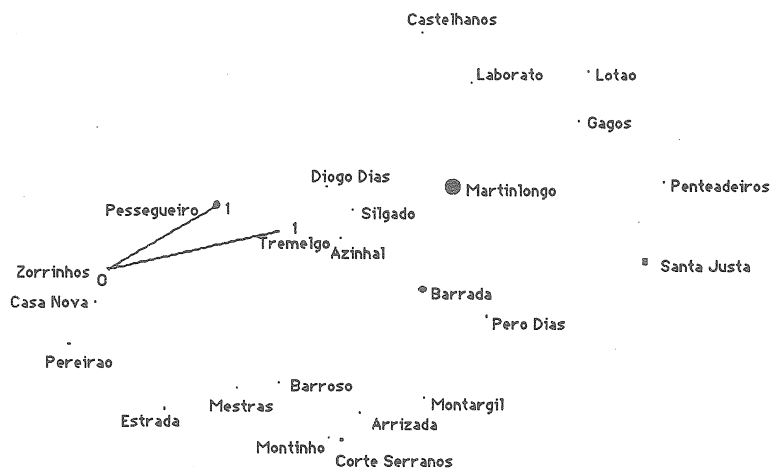
Origem dos noivos nos casamentos das mulheres de Tremelgo, 1860-1883.



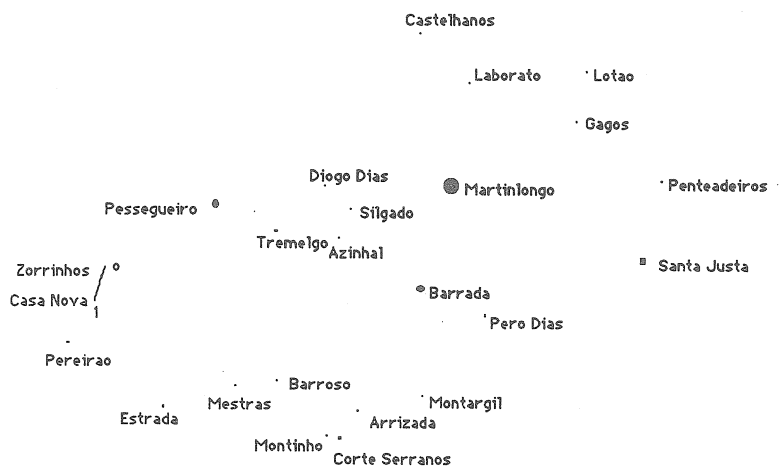
Origem das noivas nos casamentos dos homens de Pessegueiro, 1860-1883.



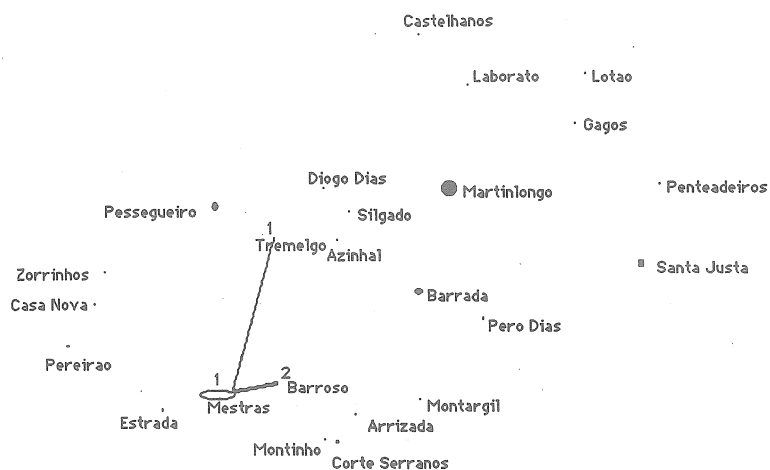
Origem dos noivos nos casamentos das mulheres de Pessegueiro, 1860-1883.



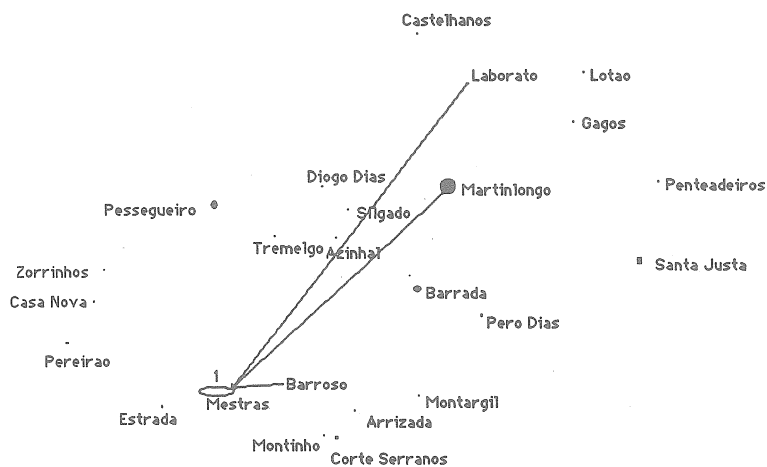
Origem das noivas nos casamentos dos homens de Zorrinhos, 1860-1883.



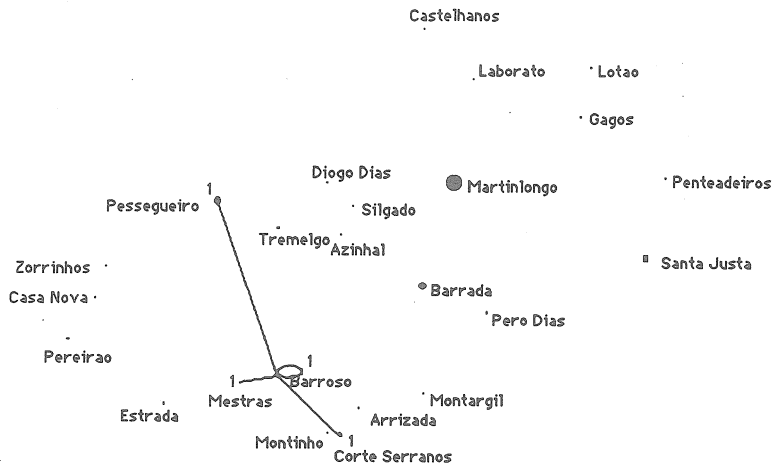
Origem dos noivos nos casamentos das mulheres de Zorrinhos, 1860-1883.



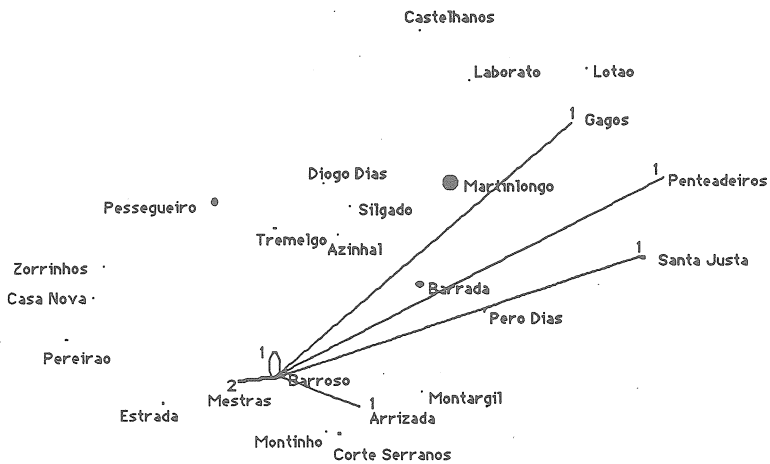
Origem das noivas nos casamentos dos homens de Mestras, 1860-1883.



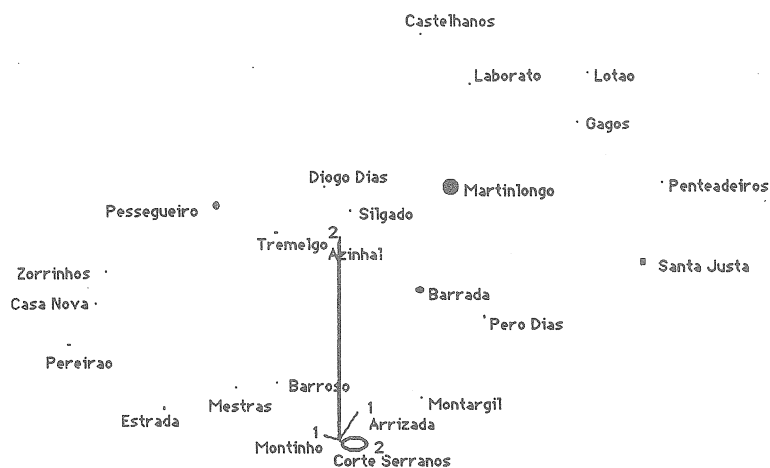
Origem dos noivos nos casamentos das mulheres de Mestras, 1860-1883.



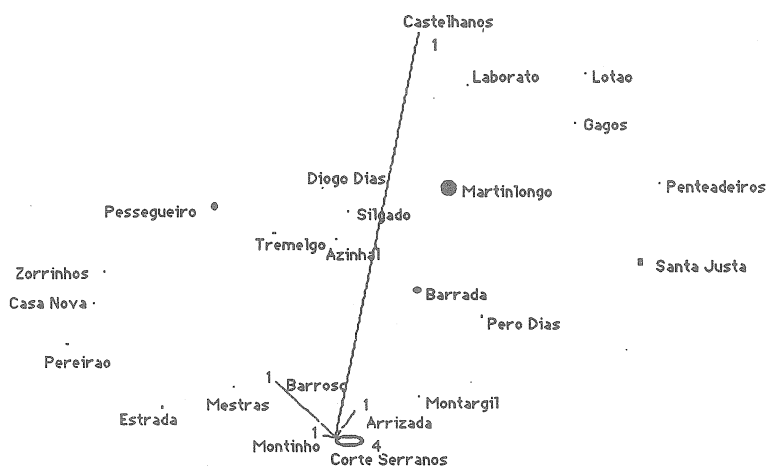
Origem das noivas nos casamentos dos homens de Barroso, 1860-1883.



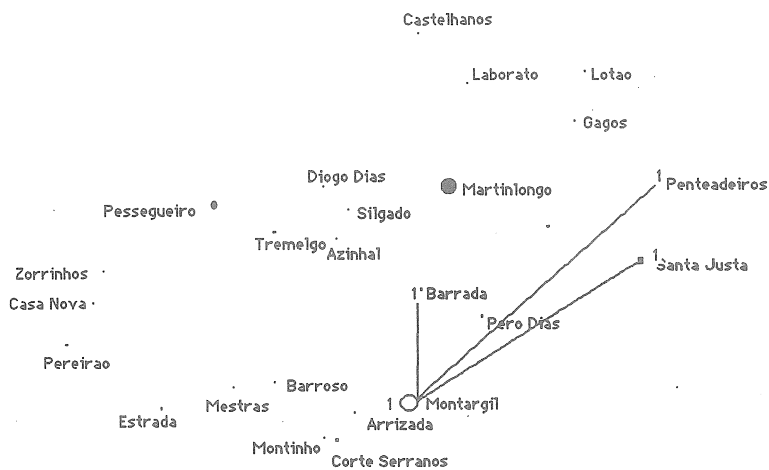
Origem dos noivos nos casamentos das mulheres de Barroso, 1860-1883.



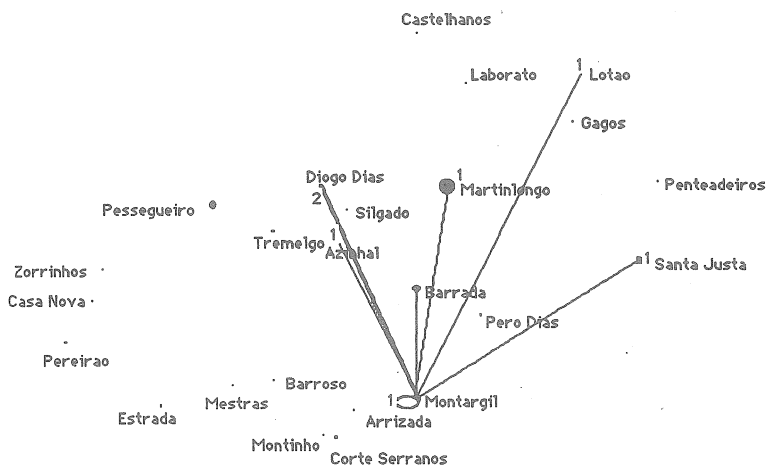
Origem das noivas nos casamentos dos homens de Corte Serranos, 1860-1883.



Origem dos noivos nos casamentos das mulheres de Corte Serranos, 1860-1883.



Origem das noivas nos casamentos dos homens de Montargil, 1860-1883.



Origem dos noivos nos casamentos das mulheres de Montargil, 1860-1883.